
Homenagem do poeta Rodrigo Emílio a dois Combatentes

No livro “*Reunião de Ruínas*” publicado em 1976, em Lisboa, Rodrigo Emílio prestou homenagem a dois grandes combatentes da Guerra do Ultramar: **Maggiolo Gouveia**, em Angola e **Daniel Roxo**, em Moçambique, entre outras áreas onde também combateram.



Poema de luto pesado I

(Em memória e louvor do Tenente-Coronel MAGGIOLO GOUVEIA e de mais sessenta Portugueses, fuzilados em Timor pelos facínoras comunistas da FRETILIN) (1)

Tu viste, do céu? ...
Assististe, Senhor,
à chacina de Aileu
(algures, em Timor)?! ...

Viste a morte cruenta
e sangrenta
- tal como aquela que se dá às rezes...-
que sofreram 50 ou 60
Portugueses?!

Viste como esses perseguidos
se persignaram, *em português*,
por môr de Dili
- e à hora da morte, unidos,
ali ajoelharam
uma última vez
diante de Ti? ...

E viste, viste também
(à flor da ilha que lhes foi berço
e lhes foi cova duradoura),
a Tua Santa Mãe,
Nossa Senhora?! ...

Não deixaste sequer de reparar
que, mal a oração final

por ali se pronuncia -
eles todos, em coral,
desataram a cantar
ao *Coração Virginal*
de *Maria!* ...

Finalmente,
puseram-se de pé.

E à frente
de tão nobre gente,
há então quem dê
um último e ardente
testemunho de fé.

É o Tenente-Coronel
MAGGIOLO GOUVEIA
- que não cura de salvar a pele,
Mas a epopeia!

Em nome de todos, disse isto,
Senhor!,
às fardas cruéis
que os iam matar:

*“Morremos por CRISTO
e por TIMOR
podeis
disparar”.*

Nota:

(1). Segundo indícios recolhidos por D. Ximenes Belo, estes fuzilamentos terão ocorrido em 23-12-1975. Os restos mortais de Maggiolo Gouveia seriam trasladados para Portugal/Mação, em 18-8-2003, com a presença do Ministro da Defesa Nacional. Tal resultou depois das diligências feitas por uma comissão de apoio à família, constituída pelos Coronéis José Pais, Morais da Silva, Manuel Bernardo e Nuno Roque e da ida do seu filho Dr. Rui Maggiolo, a Aileu/Timor, para identificação do corpo.

Poema de luto pesado II

Em louvor e memória de Daniel Roxo,
lendário comandante das milícias do
Niassa, Herói e meu amigo

(Morreu a combater por um *Portugal
de Portugal* – Além-Mar-em-África, em
fins de Agosto de 1976, ao cair numa
armadilha de fabrico soviético, quando
acudia em salvação de um dos seus
homens).



O teu *habitat* há-de sempre ser à prova de devassa.
Está nesse mato
Mulato
Em que *assentaste praça*,
E que já hoje, de raiz, te abraça
- Viriato
Do Niassa!

Ao peso da verde capa de capim, que te revista,
Ou sob o tórrido tampão de terra que assista
À tua ausência
- É de pé, e bem a prumo, que o teu corpo agora jaz!

E, ao terrorista
Sem rumo,
Ainda hoje impões *tenência*
E passo atrás!

Tu cuidaste apenas de arriscar a pele...
Até ao fim, fizeste a guerra
Por amor de um país *chocho*,
E frouxo,
Hoje por hoje entregue à cobardia.

(ouves-me aí, Daniel,
DANIEL ROXO?...

- Esta pobre terra não te merecia!)

Mas, lá do regaço – ingrato –

Desse mato tropical,
Em que tu, afinal, ficaste intacto
- Já nem a própria morte te rechassa,
Viriato
Do Niassa!

E daí que eu cante
E que te conte,
Comandante,
No horizonte d'este instante
Sem horizontes defronte;
E que daqui em diante
Não me cale –
Em recado encomendado
Para o solo, sacral
E tão sagrado,
Ao colo do qual Já tu estás soldado.
Vivo horas d'um Outro Horto
Mortal,
Meu herói morto...

Irado,
Absorto e reclinado
Sobre a sombra do teu corpo
Ou aos pés da tua alma
Ajoelhado,
Eu sei que estou, afinal,
Perante o desconforto,
Sem igual,
De ver baixar ao teu coval,
Portugal amortalhado!

Acolhe-te, agora à sombra lisa d'uma lousa.
E, na sempre abrasadora asa da brisa,
Em paz repousa
De todo o esforço *quinto-imperial*,
Que tens levado.

Dá longas tréguas de sono
A esse teu corpo moço
- De colono
E de colosso;
De soldado
Ao solo dado!...